

“No essencial, unidade, no não essencial: Liberdade. Em tudo o Amor”.

Discurso da paraninfa do Curso Teológico Pastoral, Profa. Ms. Blanches de Paula

Cumprimento as autoridades, colegas, alunos/as, igrejas locais, amigos/as, turmas matutino, noturno e em especial a turma do Curso Teológico Pastoral por extensão. Sempre é uma boa notícia quando somos agraciados com o título de paraninfa, que tem a tarefa de em poucos minutos transmitir uma “aula”. E agradeço imensamente à turma do CTP, por tão honroso convite. O tema que vocês escolheram como inspiração do fechamento de um ciclo na vida de vocês é intrigante. Na boca de vários pensadores/as, a unidade, a liberdade e o amor, têm conseguido afastar e aproximar pessoas.

Quando vi o tema, me lembrei de três experiências como aprendiz dessas categorias. A primeira foi quando eu era adolescente (juvenil) e o “moto” da Sociedade de juvenis, era I Jo 3.16: Nisto conhecemos o amor, em que Cristo deu sua vida por nós e devemos dar a vida pelos irmãos/ãs”. Esse versículo sempre me impactou, principalmente no processo vocacional, quando escolhemos estar com as pessoas. Outra experiência, foi quando li, pela primeira vez o sermão John Wesley, denominado os Quase-Cristãos. Como diz quase todo estudante de teologia: fiquei em crise! Lembrei-me de uma das muitas perguntas deste sermão: O que mais se inclui a ser totalmente cristão, além do que já é realizado por aqueles/as que não assumiram um compromisso público e privado com Cristo? Uma outra experiência foi no início do meu ministério pastoral. Ao conversar com uma criança (aqui adoto o nome de Pérola) de 7 anos, ela compartilhou comigo sobre uma experiência de oração. Pérola estava sentindo muita falta de sua mãe, pois ficava o dia inteiro fora de casa. Efetivamente, ela reclamava carinho e atenção. Assim, Pérola resolveu orar e pedir a Deus para ficar doente. Ao ficar doente, segundo ela, sua mãe necessariamente ficaria em casa. E eu perguntei, qual foi a resposta de sua oração: eu fiquei doente e minha mãe me deu colo! Saí daquela escuta pastoral “zonzá” e revendo uma séria de escolhas que fazia na minha “agenda” de cuidado.

As três expressões me lembram afetividade e entrega. Afetividade porque como tarefa pastoral, a unidade reclama um chão de encarnação. A unidade não é apenas um slogan no ministério pastoral, mas é o nosso desafio profético da vida cristã. Assim também a liberdade, tema que absorve tantas hermenêuticas, nos provoca a sabermos lidar com nossos limites; é um convite à geografia do espaço de convivência, onde a minha identidade não é uma ilha! E o amor, que dizem que está líquido, (Zygmunt Bauman) é uma atitude inacabada, mas constante! O amor jamais acaba...E a tarefa de quem cuida de pessoas é trazer solidez, encarnação ao Verbo Amar, tão difícil de conjugar quando não há unidade, nem liberdade!

À minha querida turma do Curso Teológico Pastoral, quero dizer algumas palavras especiais. Nós, que convivemos três anos, manhãs, tardes, noites, com o desafio de dialogarmos sobre tantas nuances da vida pastoral. Vocês que vinham com muita sede de aprender, perguntando-me sobre muitas variáveis do ministério pastoral.

- Não desistam de continuarem o exercício da vocação com caráter, coragem e alegria;
- Vivam a vida pastoral, mas não esqueçam de viver a integralidade da existência: família, amigos, o cuidado de si, novas aprendizagens...
- O ministério pastoral é também saber lidar com as perdas, assim o sabor do ganho será mais profundo e com sentido;
- Não esqueçam que a aula continua no dia a dia de vocês, não percam a vocação de aprendiz;
- Finalmente, sejam vibrantes defensores da unidade, da liberdade. Ah! Mas não esqueçam de construir uma biografia pastoral que traz no corpo, no cotidiano, a Marca de Cristo: o Amor!

Deus os/as abençoe!